

Educação Superior e Era do Digital

Viragem na história da educação?

Está em causa a promoção de ambientes de aprendizagem que desenvolvam o potencial dos estudantes para o envolvimento crítico, a participação e a reflexão. Entre o discurso tecnofóbico e a celebração acrítica, o desafio é reconcetualizar os processos de formação e de governação das instituições, visando a sua integridade e democraticidade.

A transformação dos materiais, métodos e técnicas de apoio aos processos educativos em linguagem digital é considerada por alguns uma viragem na história da educação. Porém, é visível a tendência para a integração acrítica do digital nos atuais processos e estruturas das universidades, em detrimento da reflexão sobre como os desafios da digitalização nos interpelam e como podem ser reimaginados na educação superior. A discussão acerca da especificidade educativa da educação superior já era urgente antes da crise pandémica, que apenas acelerou essa urgência.

De facto, os estudos sobre o Ensino Superior têm vindo a concentrar-se nas transformações organizacionais, na governação e gestão dos sistemas e das instituições e menos no conceito ou ideia de educação superior. A dimensão educativa quando assume centralidade é, frequentemente, para identificar o conjunto “relevante” das competências e habilidades que, como resultados das aprendizagens, tornem empregáveis os diplomados.

Agenda política para a digitalização. O debate sobre o futuro da educação a e à distância não pode ser desligado da gramática política que se tem tornado dominante, designadamente pela influência de instituições como o Banco Mundial, a OCDE e a União Europeia. Estas instituições colocam crescente ênfase na relação do Ensino Superior com o desenvolvimento económico e social e na articulação da formação com as necessidades do mercado de trabalho. Ênfase que tem vindo a transformar as experiências educativas dos estudantes e dos professores.

A importância atribuída à digitalização da educação já era visível nas prioridades assumidas nas agendas das políticas educativas europeias antes da pandemia. A Comissão Europeia, em 2018, adotou o primeiro Plano de Ação para a Educação Digital e definiu ações para o período 2018-2020. Todavia, além dos seus impactos na forma de ensinar e de aprender e na gestão do espaço e do tempo dos professores e dos estudantes, esta prioridade tem implicações para a própria conceção da educação superior. A questão da tecnologia digital deve ser considerada em função

do propósito da educação superior, olhando criticamente para as perspetivas das diversas partes interessadas neste processo.

A economia digital global. A tecnologização e digitalização da educação está também ligada à expansão da economia digital global. Os sistemas de aprendizagem adaptativos, a ‘*learning analytics*’ e os ‘*big data*’ têm vindo a ganhar centralidade na governação do ensino superior ao nível dos sistemas, das instituições e das próprias relações pedagógicas.

Uma das mais bem-sucedidas empresas no mercado da educação, e importante influenciadora das políticas educativas, a Pearson é um caso exemplar da governação digital da educação. Em 2016, esta empresa assumiu a prioridade de ser a primeira empresa do digital com a criação de uma plataforma de aprendizagem, combinando, numa só arquitetura, os serviços baseados na nuvem com a análise computacional sistemática de dados e com as potencialidades da máquina de aprender. Um dos objetivos, sobretudo através do recurso à inteligência artificial, é a interação direta e a individualização dos processos de aprendizagem.

Reinventar o ensinar e aprender. A educação a e à distância tem vindo a incorporar a digitalização dos processos de ensino e aprendizagem e, no contexto da pandemia da covid-19, houve uma veemente utilização destas formas de ensinar e de aprender. O chefe da unidade para as TIC em Educação da UNESCO, em abril de 2020, enfatizou a necessidade de os decisores políticos e os líderes institucionais aproveitarem a circunstância da pandemia e as suas lições para avançarem para a fase de planeamento do futuro da educação. No entanto, esse avanço deverá ser enraizado num debate sobre as dimensões pedagógicas a que a criação e a disponibilização de infraestruturas e instrumentos tecnológicos, por si só, não podem responder.

As pedagogias digitais não são neutras no tipo de sociabilidade que veiculam e apelam ao repensar não só das possibilidades proporcionadas pelas tecnologias digitais e atividades *online*, mas também das finalidades da educação e do seu contributo para desenvolver sociedades mais democráticas e justas. Assim, a questão realmente importante é o que intrinsecamente define a experiência da universidade e cujo valor a distingue.

Não se trata de negar as potenciais vantagens da migração de partes do ensinar e do aprender para o mundo virtual, mas de debater como é que os currícula as poderão integrar nas experiências educativas dos professores e estudantes, de forma crítica e inclusiva. É importante que as relações pedagógicas face a face não sejam subestimadas, como acessórias, e que a questão da perpetuação das desigualdades no acesso e o sucesso na educação superior não seja secundarizada. De facto, os estudantes do Ensino Superior de grupos sociais economicamente mais frágeis foram os que mais sofreram o impacto da crise pandémica. Segundo o relatório da consultora da Comissão Europeia, Network of Experts on Social Dimension of Education and Training (NESET, 2021), estes grupos foram desproporcionalmente afetados, designadamente em termos de perdas de aprendizagem.

O que está em causa é a promoção de ambientes de aprendizagem que desenvolvam o potencial dos estudantes para o envolvimento crítico, para a participação e para a reflexão na era do digital. Entre o discurso tecnofóbico e o da celebração acrítica da digitalização, o desafio é o de reconcetualizar os processos de formação e até de governação das instituições de Ensino Superior, tendo em vista a sua integridade e a sua democraticidade.